

Outra questão relevante que emergiu em seu trabalho é a forma de identificação desses imigrantes em Nova York, ou seja, freqüentemente identificados pelos americanos como hispanos. Esta confusão étnica se deve, segundo a autora, à ignorância dos americanos em relação ao Brasil. Por outro lado, os brasileiros sentem-se ofendidos quando são identificados como hispanos, pois tal categoria está relacionada a pessoas desqualificadas e pobres, enquanto que os brasileiros se consideram qualificados e pertencentes a uma classe social superior a deles.

Desta forma, o trabalho da autora traz à tona questões relevantes, como a construção de uma nova identidade e a questão da classificação social que a migração não conseguiu romper, pelo menos no nível do simbólico. Além destas questões colocadas pela autora, outras, a meu ver ainda carecem de um aprofundamento maior, como o significado desses movimentos emigratórios para um país que era considerado o país do futuro.

Neste sentido, o estudo de Margolis é um estímulo para que novas pesquisas venham enriquecer o debate de tão importante e atual problemática.

Sidney Antonio da Silva
Mestre em Antropologia
Centro de Estudos Migratórios - SP.

MOREIRA CAMPOS. *Obra Completa: Contos*. Org. Natércia Campos. São Paulo, Maltese, 1996. 2v.

Os contos de Moreira Campos, publicados inicialmente como *Vidas marginais* (Fortaleza, Ed. Clã, 1949); *Portas fechadas* (Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1957); *As vozes do morto* (São Paulo, Francisco Alves, 1963); *O puxador de terço* (Rio de Janeiro, J. Olympio, 1969); *Contos escolhidos* (Fortaleza, Impr. Univ. do Ceará, 1971); *Contos* (Fortaleza, Impr. Univ. do Ceará, 1978); *Os doze parafusos* (São Paulo, Cultrix, 1978); *A grande mosca no copo de leite* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985); *Dizem que os cães vêem coisas* (Fortaleza, UFC, 1987); *Dizem que os cães vêem coisas* (São Paulo, Maltese, 1993) foram reunidos em *Obra Completa: Contos I e II* (2v), e publicados, em 1996, pela Editora Maltese de São Paulo, tendo como organizadora sua filha Natércia Campos.

José Maria Moreira Campos nasceu em 1914 no interior do Ceará, onde fez seus estudos primários. Em 1930 a família mudou-se para Fortaleza. As perdas do pai nesse mesmo ano e da mãe, em 1931, vão interromper seus estudos regulares e oficiais; mas forma-se em 1946 na Faculdade de Direito do Ceará. Ingressando no magistério superior, matricula-se na antiga Faculdade Católica de Filosofia do Ceará, licenciando-se em Letras neolatinas, em 1967. Fez carreira universitária, chegando a ocupar, em caráter eventual, o cargo de Reitor da Universidade Federal do Ceará. Membro da Academia Cearense de Letras, da Academia Cearense de

Língua Portuguesa e integrante do Grupo Literário da revista *Clã*. Faleceu em Fortaleza em 1994.

A presente *Obra Completa* consta de 2 volumes de mais de 400 páginas cada. O volume I se inicia com palavras de carinho e saudade da organizadora "Meu pai, Moreira Campos". Segue-se um prefácio de Rachel de Queiroz, em que a escritora define Moreira Campos como um mestre, que além de ter nascido com o dom ("porque nasceu podendo"), trabalhou, lapidou as palavras e a forma à maneira dos Graciliano Ramos, dos Machado de Assis, dos Miguel Torga"; e afirma: "Moreira Campos sempre nos surpreende com um enredo que se conta em algumas páginas, mas tão denso ou cortante que é capaz de resumir toda uma situação dramática em duas frases acerbas, todo um esplendor de paisagem em três linhas". Um artigo de 12 páginas de Sânzio de Azevedo, crítico cearense, "Moreira Campos e a Arte do Conto", faz observações sobre o "conto realista" e o "moderno", com seus representantes maiores Maupassant e Tchekhov, e no Brasil, Afonso Arinos e Machado de Assis. Moreira Campos segue a linhagem de Tchekhov e de Machado. Mostra a opção de Moreira Campos pela narrativa sintética e passa em revista, com ricas observações, algumas páginas do contista cearense.

A seguir os contos de *Vidas marginais* (1949), *Portas fechadas* (1957) e *As vozes do morto* (1963).

Fechando o volume I, temos alguns dados biográficos do autor, a relação de suas obras, a participação em antologias nacionais, sua obra traduzida; a lista de obras sobre o autor, em livros, dicionários, jornais e revistas - uma biobibliografia bem completa. Índice alfabético dos contos.

O volume II contém os contos de *O puxador de terço* (1969), *Os doze parafusos* (1978), *Dez contos escolhidos* (1981), *A grande mosca no copo de leite* (1985) e *Dizem que os cães vêem coisas* (1993). Incluídos ao final a biobibliografia e o índice alfabético dos contos.

Os contos de Moreira Campos atendem à definição de conto de Alfredo Bosi¹: "uma visão intensa de uma situação real ou imaginária, para a qual convergem signos de pessoas e de ações e um discurso que os amarra". Em *Vidas marginais* prioriza a situação de frustração da qual são exemplos marcantes, o sonho do pai, em relação ao único filho homem, que morre, em "Lama e folhas"; ou as fantasias de uma solteirona, filha de Maria, e sua consciência de pecado, em "Dona Adalgisa".

Em *Portas fechadas*, a situação que mais se repete é a dos obstáculos, das portas que se fecham para os oprimidos. Bons exemplos são "Raimunda", a jovem que morre por não terem encontrado a tempo o soro antiofídico; "Almas sombrias", a vida quase morte da parálitica e seu restrito campo de visão do mundo; "O preso", as portas que se fecham para Inácio que diz: "Não tenho paciência de ser preso".

1. BOSI, Alfredo. Situações e formas do conto brasileiro. In: _____ (org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. 2. ed. São Paulo, Cultrix, 1977.

Em *As vozes do morto*, além de outras situações características, patenteia-se a força que assume a vontade do que morreu, e dos limitados física ou mentalmente; contos representativos são "As vozes do morto", tão importantes para Seu Damião; "A morta", a solitária perspectiva do rapaz, pela morte da irmã, objeto de seus maiores cuidados; e "A velha do olho cego", o constrangimento que o olho vazado da velha lhe impõe, quando visita Mironeide.

São 42 os contos do Vol. I e têm em média nove páginas cada.

O Vol. II contém 95 contos, com quatro páginas em média, cada: histórias do trágico cotidiano do homem brasileiro, histórias de asilos de velhos, loucos, últimos momentos de vida, relacionamentos complicados, falso puritanismo de beatos e de padres, histórias de fraquezas que se misturam a sentimentos nobres, conflitos maiores, crimes, suicídios, casos estranhos de perversão tratados com poesia. Mas, o que é especialmente notório, é a síntese destas situações: apresentam-se como um *flash* que tudo ilumina, desde cores, sons, ritmos, atitudes, pequenos gestos, expressões fisionômicas, até características psicológicas; e, sempre presente, a tensão. Isso tudo, às vezes, em duas páginas, como em "Olhos espantados", "Os pesados lagartos" e "O amigo da casa"; ou em três, como em "Os meninos", "O banho", "As corujas" e "A confissão", do bloco *O puxador de terço*.

A tensão se instala logo no início, com a situação que é de conflito (veja-se o início de "Os meninos": "No último alento, vacilante, procurou agarrar-se à mão do menino"; ou "O preso", que se abre com uma atmosfera de folga de domingo para alguns homens de bem, realçando por oposição a expressão de desespero de um pobre velho, por estar sendo preso injustamente); aprofunda-se com os entrecortes de personagens, que às vezes não parecem pertencer à mesma espécie (como em "Os meninos" e "Olhos espantados"); delinea-se melhor com o espaço especialmente configurado e com o tempo dividido e ritmado apropriadamente (como em "O preso" e "Irmã Cibele e a menina").

A trama é valorizada pela aproximação de contrastes; estes são colhidos, na maior parte das vezes, nas profundas diferenças sócio-econômicas que nossa sociedade cultiva. É esse o celeiro predileto de Moreira Campos.

Tecendo os tons pungentes dessa brutal realidade, com as nuances de descrições de grande plasticidade, cria o matiz de sua obra. Esta, sem dúvida, denuncia o fundo da miséria comum. E, talvez, por isso pretender, parece sempre vigilante na escolha do vocabulário, em favor da sociabilidade da escrita; disso resulta sua linguagem clara, cuidada, como a dos modelos de concisão Rubem Braga e Graciliano Ramos.

Faltaria ainda enfatizar a música e o ritmo de seus contos; a musicalidade das frases de "Os meninos", de "O preso" (especialmente na descrição da cela, com os contrastes de luz e sombra, de fora e de dentro, de vida e não-vida), e o ritmo nervoso e obsessivo de "As corujas"; necessário também seria considerar a variedade das repetições que emprega, ora como verdadeiro refrão, ora como variações sobre o mesmo tema, ora ainda como expressão de uma idéia fixa; porém, quase sempre para enfatizar; enfim, a correspondência sonora também foi recurso notado em "As corujas", "Lama e folhas" e "Náufragos".

Julgamos importante trazer ao leitor uma amostra do que é o conto de Moreira Campos, através destas linhas de "As corujas":

"É preciso cobrir os mortos, proteger-lhes as cabeças. As corujas descem pela clarabóia. Têm vôo brando, impresentido, num cair de asas leves, como num sopro de morte. De repente dá-se conta de sua presença, das asas de pluma, sem ruído. Alteiam-se e pousam sobre o peito dos mortos, arranhando-lhes os olhos parados, que fulgem na noite, divididos ao meio.

" _ Xô, praga!

"Os pedaços de lona ficam dobrados a um canto da sala escura. Ele os apanha e cobre os mortos. Os pedaços de lona são sempre curtos, deixando à mostra os pés inertes. Indispensável fazê-lo. Depois fechar a luz triste da lâmpada, que desce pelo longo fio com teias de aranha. O facho da lâmpada de pilhas ainda percorre o teto de travejamento antigo. Crescem e oscilam as sombras: as botas de cadarços do alemão contra a parede - umas botas de muitas viagens. As corujas rasgam mortalha a noite toda na copa das altas árvores do terreno. O facho de luz tenta a densidade das folhas, corre cinzentos telhados, passa pela torre da capela, detém-se, ao longe, na janela de vidro do nosocômio. Em qualquer parte, na noite, estarão as corujas. Elas rasgam mortalha, agourentas, cortam o silêncio, sacudindo a vigília dos doentes".

Valendo-nos ainda do que Alfredo Bosi diz do contista: "é um pescador de momentos singulares cheios de significação. *Inventar*, de novo: descobrir o que os outros não souberam ver com tanta clareza, não souberam sentir com tanta força". Moreira Campos, com sensibilidade, soube trabalhar os seus momentos singulares, tocando-nos profundamente.

Maria Lúcia Palma Gama
Licenciada em Letras/USP.

TEIXEIRA, Ivan. *Obras poéticas de Basílio da Gama*. São Paulo, Edusp, 1996. 476p. (Texto e Arte, 12).

Desde fins dos anos 80 vem ressurgindo o interesse pela chamada "literatura colonial". O marco inicial dessa retomada talvez possa ser situado na publicação da tese de doutoramento de João Adolfo Hansen sobre Gregório de Matos¹. Já nos

1. HANSEN, João Adolfo. *A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.